

SÓ PRETO SEM PRECONCEITO

Mendonça, Ricardo Fabrino

Doutorando em Comunicação Social pela UFMG
E-mail: ricardofabrino@hotmail.com

Vaz, Paulo Bernardo Ferreira

Doutor em Ciências da Educação e da Comunicação pela
Université de Paris Nord; Professor adjunto do Departamento
de Comunicação Social da UFMG
E-mail: paulob@fafich.ufmg.br

RESUMO

Este trabalho realiza um passeio analítico pela narrativa imagética elaborada por jornais impressos de grande circulação, a fim de constatar a forma como negro-mestiços são representados nesses discursos de indubitável força. A análise de tais imagens será comparada a outra narrativa imagética: aquela estampada em livros didáticos de história. O trabalho constata a recorrência de certos padrões de representação visual que em nada contribuem para a construção de uma imagem positiva acerca do negro. É importante destacar o papel de tais narrativas na tessitura de identidades, permanentemente modificadas por interpelações discursivas. O papel dessas narrativas vê-se reforçado em tempos de valorização da imagem, especialmente em um país com grande número de não-leitores de textos. A última parte do texto busca levantar algumas possibilidades alternativas de um outro tipo de representação deste Outro.

Palavras-chave: Negro-mestiço. Narrativa imagética. Identidade/Alteridade.

1 A REPRESENTAÇÃO VISUAL DO NEGRO-MESTIÇO NA MÍDIA IMPRESSA

Negro sofre. Porta de entrada de negro é pela cozinha. O negro joga bem demais! A crioula sabe ser boazuda. Mas que voz! ... tinha de ser crioulo. Fulano é preto, mas trabalha direitinho. Só preto dá conta do recado na roça. Ginga de negro é coisa de outro mundo. Preto é mais esperto pro crime.

Entre tantas outras falas/frases de efeito em tons racistas, repetidas em intermináveis variações por todo o país, essas encontram eco em imagens fotográficas que ilustram matérias jornalísticas com tons não considerados preconceituosos. Lidas com toda "naturalidade", tais narrativas iconográficas têm imensa visibilidade, participando ativamente dos processos através dos quais a sociedade se apresenta e, ao mesmo tempo, se constitui. [2]

Em pesquisa realizada no GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade/UFGM) no período 2001-2003 [3], deparamo-nos com essa realidade estampada em três jornais representativos da grande imprensa brasileira: os dois maiores títulos de circulação nacional (**Folha de S. Paulo**, **O Globo**) e um terceiro, o maior em um âmbito estadual (**Estado de Minas**). Em sete edições - de segunda a domingo - selecionadas em sete semanas consecutivas, foram contabilizadas 1.942 fotografias jornalísticas, das quais 359 retratavam negro-mestiços.

Cabe ressaltar que é sabidamente difícil definir quem é considerado negro. Em universidades, formam-se comissões que estabelecem, através da análise de fotografias de candidatos, aqueles que são negros e podem usufruir do sistema de cotas. Entendemos "raça" não como uma categoria biológica ou genética. Segundo Hall (2002), existem diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente dispersos no

interior do que chamamos de "raças", como entre uma "raça" e outra. As raças são categorias discursivas. São organizadoras de formas de falar e de práticas sociais.

No entanto, a forma de reconhecer o negro nos jornais impressos deu-se através de caracteres físicos. Em virtude da impossibilidade de atingir as mais diversas práticas sociais e discursivas dos sujeitos representados nos periódicos, optamos por tomar o corpo como mídia. De acordo com Pereira e Gomes, o "corpo é uma interface privilegiada para a veiculação de discursos", mesmo porque ele é "intrinsecamente um lugar social, na medida em que as resoluções acerca dele e ele próprio se tornam visíveis a partir dos seus vínculos com a sociedade" (2001, p. 217-8). Goffman (1999) também deixa claro que, ao inserirmo-nos em situações de interação, somos identificados (ao mesmo tempo em que identificamos os outros) a partir de uma série de atributos que se fazem disponíveis através de nosso corpo. Atributos esses que, $\frac{3}{4}$ gostaríamos de destacar $\frac{3}{4}$, possuem uma série de significações sociais e que ajudam a construir expectativas recíprocas em qualquer interação.

Como analisa Pierucci, a diferença, ainda que construída simbolicamente, passa pelos sentidos. Ela é "notada com os olhos fixos na pele e, no mesmo movimento, fixada na pessoa, essencializada, [...] inferioridade imaginada, deduzida, propagandeada" (1999, p. 174). No corpo negro, vêem-se marcas de um passado, discursos de um presente e projeções de um futuro, que nada mais é que uma reinterpretação, associando passado e presente.

Outro aspecto que corrobora nossa opção é a constatação de que a classificação racial no Brasil é cromática, "ou seja, baseada na marca e na cor da pele, e não na origem ou no sangue, como nos Estados Unidos e na África do Sul" (KABNGELE, 1996, p. 185). Se, no dia a dia, o preconceito se dá através de características estéticas e corporais, partimos do pressuposto de que desse ponto deveria começar nossa análise. Feita esta definição, procedeu-se ao fichamento descritivo das 359 fotografias e à sua contagem por editoriais. Realizado tal levantamento quantitativo, pôde-se verificar que aquelas preconceituosas frases de senso comum aparecem nos jornais de uma maneira tida como "natural" pelo público leitor brasileiro. Nenhum estranhamento causa a enorme presença de negros e mestiços brilhando em cenas desportivas (32,2% do total de sujeitos representados nessas seções). Nenhum espanto, na sua presença marcada nos cadernos que tratam do cotidiano das cidades (31,9%) como cidadãos comuns ou como bandidos e policiais. Nenhuma novidade em sua visibilidade nos cadernos de agropecuária (33%, a maior incidência), afinal é no eito que os negros foram alocados desde o desembarque do primeiro navio negreiro na costa brasileira. Todos os negros mestiços dos cadernos de agropecuária são representados como trabalhadores rurais, mesmo porque " **Só preto dá conta do recado na roça**". Uma representação bem

diferente da de seus patrões, fazendeiros e empresários do *agrobusiness*, de tez bem mais clara.

Também não surpreende sua quase invisibilidade nos cadernos de economia (6,6%), informática (5,6%), ou ciência (0,0% !). Bem específicos são os caminhos, espaços e cantos a que o negro não tem acesso nas fotografias de jornais impressos. Segundo Flávio Lobo, "apesar de os negros (pretos e pardos) corresponderem, segundo o IBGE, quase à metade da população, nos lugares onde é preciso ter dinheiro ou uma boa formação educacional ou profissional para entrar, o Brasil é branco" (LOBO, 2002).

Ao flunar pelas páginas dos diversos cadernos dos três jornais, fixando o olhar nas fotografias, não só se confirmam as incômodas frases de teor preconceituoso, mas somos tentados a fazer algumas reflexões referentes àquelas falas. " **Negro sofre** ", por exemplo, apenas reforça uma retratação massiva que traz a marca do sofrimento, não só nos jornais diários brasileiros do princípio do século XXI, mas também em outras mídias, cujas representações interpelam os sujeitos nos dinâmicos processos de narração/construção da identidade. É o caso, por exemplo, dos livros didáticos de história do Brasil, como constatamos em pesquisa realizada no GRIS no período 1999-2001 [4].

Se muitas fotografias da contemporaneidade exibem um negro que habita um mundo de mazelas e da criminalidade, a iconografia disponibilizada pelos livros didáticos também demonstra que a violência e o sofrimento marcam a entrada desses sujeitos nas narrativas da "história nacional".

A pobreza, a inclusão perversa e a miséria (assim como o racismo) são formas atuais de viver o sofrimento dos negros capturados e aprisionados nos porões dos navios. As fotografias que exibem a fila do SUS, a retirante sem-teto ou as crianças na seca, apenas atualizam ilustrações que abordam a captura de negros na África, as torturas no pelourinho ou a dura lida no campo ao lado dos animais. Aos meninos que reviram o lixo em busca de comida nas páginas de um jornal, fazem eco os "negrinhos" dos livros didáticos que se sentam ao chão, sob a mesa de seus senhores, à espera de migalhas. Pelos tortuosos caminhos da alteridade, o negro-mestiço parece se locomover com destreza, eclodindo em uma forma de representação que em nada favorece o fortalecimento de sua auto-estima.

O levantamento realizado nos jornais em 2001 aponta outros pontos de confluência em relação à pesquisa sobre os livros didáticos: o negro-mestiço tanto sofre/apanha (como escravo, "marginal", criança desnutrida ou cidadão comum), quanto bate (como feitor, capitão-do-mato, policial, "criminoso" ou vândalo). Ao senso comum da fala " *Negro sofre* ", acrescenta-se um sem número de outros ditos reforçadores dessa figuração encontrada reiteradamente na mídia impressa: **À violência sofrida na própria pele, o negro reage/revida com violência.**

Nota-se que a questão do "trabalho" é outra dimensão em que as duas narrativas se completam e se (re)atualizam. Tanto nos jornais como nos livros, é extensa a narrativa visual de negro-mestiços na execução de serviços braçais. Vale lembrar, com Schwarcz (1996), a especificidade da escravidão negra, que convertia sujeitos em objetos ao comercializar sua força de trabalho e transformá-los em "máquinas corpóreas". Nesse contexto, trabalhos braçais foram se transformando em atividades exclusivamente de escravos, o que gerou o desenvolvimento do "desprezo senhorial pelo trabalho manual, de maneira que não só o escravo era tido como inferior, mas também todos os trabalhadores livres manuais" (CHAUÍ, 2000, p. 36-7).

Além da já mencionada representação do trabalhador rural [5], nota-se a presença de muitos negros em trabalhos urbanos. Assim, aos pavimentadores, carregadores, barbeiros, ambulantes ou sapateiros representados por Debret e Rugendas, assemelham-se os faxineiros, lavadores de carro, pedreiros, operários, costureiras e manicures da atualidade. " **Todos pretos, que trabalham direitinho** ". O que dizer então das delícias feitas pelas "negras de tabuleiro" ou pelas atuais cozinheiras uniformizadas?

A presença do negro-mestiço, marcada e demarcada por fronteiras tangíveis tanto na cidade quanto nas páginas impressas, parecem confirmar a outra frase repetida a boca miúda: " **Porta de entrada de negro é pela cozinha** ". E a porta de saída?

Com um ar bastante desenvolto, podem ser encontrados aqueles que acharam suas saídas pela *stage door* , assim como encontram novas entradas pelos gramados dos estádios de futebol ou pelos palcos de casas de espetáculos na rica indústria do entretenimento. Jogadores e artistas de todas as categorias posam e desfilam pelas passarelas das celebridades nacionais e internacionais, demarcando um outro lugar. Lugar esse de destaque positivo, em contraponto àquele negativo tão reforçado historicamente no papel impresso e na vida cotidiana.

Aqui também, os jornais e os livros didáticos confirmam e reforçam as frases de efeito "favoravelmente" preconceituosas. Assim como nos livros, há um lugar de destaque para os negros na festa - com especial destaque para o carnaval, desaguadouro de cantos, danças e manejos sensuais -, a imprensa diária reserva 12% de espaço para os negro-mestiços em seus cadernos dedicados à cultura e 9% aos negros na televisão.

Importância fulcral tem a sensualidade nesse tipo de representação. Negros e negras sempre foram tipificados como seres sensuais, o que fica patente, na exploração sexual de escravos e escravas pelos senhores de engenho, mesmo porque " **A crioula sabe ser boazuda** ". Pereira e Gomes (2001) destacam que representações do "negão viril" e da "mulata quente" reificam os indivíduos, oferecendo-os como objeto de desejo

e retirando deles toda a humanidade e possibilidade de ameaça. É sob esse tipo voluptuoso que as fotografias de jornais representam uma cantora de rap, a modelo em vestido de renda ou o galã de TV que, segundo legenda, "é o bonitão que deixa a mulherada indócil". [6] Tudo feito sob medida, para o deleite do sinhô e da sinhá. Medida essa, aliás, minuciosamente analisada pelas mãos dos homens e mulheres que apalpam os corpos negros em feiras de comércio humano representadas pelos livros didáticos.

Também no esporte, o negro tem sua sensualidade representada. Na agilidade de um jogador que dribla, na virilidade do que disputa a bola, ou na beleza do *ballet* de um jogo, o que está em foco é o corpo. É ele que está no centro das atenções, garantindo ao negro, nos jornais, uma ponta de visibilidade despertadora de desejos.

A maior expressão de representação do estereótipo do "bem sucedido" está nas editorias de esporte. Todos os 21 exemplares analisados trazem alguma imagem em que o negro desportista é retratado. Ali, ele é símbolo de força e vitória. Afinal, na terra do futebol, Pelé é rei. Interessante constatar que o sucesso do negro seja, primordialmente, representado em atividades físicas. Assim como nos tempos da escravidão, ele parece ser encarado como a forte "máquina corpórea".

Ao voltarmos aos livros didáticos, constatamos também o papel que a história do Brasil tem reservado aos negros no esporte, desde os jogos de capoeira, afinal, "**Ginga de negro é coisa de outro mundo**". Forma de resistência que representa a possibilidade de vitória pela malícia, muitas vezes a capoeira é retratada como a reles demonstração de músculos e acrobacias. Demonstração essa que também se dá no discurso fotojornalístico sobre o futebol, esporte nacional que passou a ser reservatório de craques negros e mestiços ídolos de massa. **O negro joga bem demais**. Todos os elogios são poucos para o rei; para os reis da bola em uma monarquia instituída com o aval de brasileiros de todas as raças e classes sociais que reverenciam jogadores, e a quem a imprensa reserva 32% de seu espaço desportivo.

2 QUE DISCURSO É ESSE?

Esse discurso do qual viemos falando é todo constituído por imagens. Segundo Vera França [7], o conceito de imagem pode ser entendido a partir de três acepções. A primeira delas é a percepção: é através de nossos sentidos, que nos relacionamos com o mundo, apreendendo-o. E essa apreensão, essa experiência do real, dá-se por meio de fragmentos de imagens. A segunda acepção para o termo faz uma equivalência entre imagens e imagens visuais. Pinturas, fotografias e desenhos seriam bons exemplos de imagem de acordo com essa concepção. Por fim, pode-se entender as imagens representando sentidos construídos. A acepção parte do pressuposto de que é impossível captar algo puro e semanticamente virgem. Tudo está encoberto por

significados. O ser humano é dotado da potência de imaginar, construindo imaginários e sentidos para o que apreende do mundo.

As supramencionadas pesquisas realizadas no GRIS buscam imbricar essas três acepções, percebendo como as imagens visuais sugerem modos de percepção do mundo e, assim, consolidam e recriam imaginários. Adota-se, portanto, uma visão do signo como um entre-lugar suscitador de significações. "Assim como o mundo em seu dinamismo, um signo pode ser visto também como um nó, parte de um hipertexto, aqui em seu significado mais amplo, que liga sujeitos, objetos, textos, sua inscrição local e as mediações (tecnologias) que o suportam" (BRASIL, 2000, p. 9).

Nesse sentido, nota-se a relevância dos discursos imagéticos, especialmente em uma época marcada pela estetização do cotidiano e pela proliferação de imagens. (FEATHERSTONE, 1995; BARTHES, 1984; DEBRAY, 1993). Entendendo que a linguagem (no caso, a imagem) não é o que representa um mundo pré-definido, mas aquilo que participa de sua construção, nota-se que os referentes (a "realidade") "são emergências; eles procedem de uma cumplicidade coordenada, que é mediada por sua vez pelo tempo e pelas práticas, operações, símbolos, conceitos e significações públicas" (QUÉRÉ, 1991, p. 7). Assim, a representação de negros em jornais impressos e livros didáticos de história é um dos muitos discursos e práticas sociais que participam do processo de construção de sentidos em torno do negro na sociedade contemporânea.

Importante perceber o papel desempenhado por tais narrativas nos complexos processos de construção da identidade e da alteridade. Compreendendo a identidade como uma construção discursiva nunca completa, percebe-se que os sujeitos estabelecem relações (de aproximação ou afastamento) com as narrativas com as quais se deparam. O indivíduo não é preso a uma base definida, mas estabelece pontos instáveis de identificação e sutura realizados através dos discursos. Há uma profunda imbricação entre experiência, linguagem e identidade. É por meio dos significados produzidos a partir das representações que conferimos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (HALL, 2000).

Nesse sentido, o intenso fluxo imagético em que o personagem negro sofre, apanha, trabalha na roça ou exhibe seu corpo sensual (re)atualiza significados construídos sócio-historicamente e como que sugere cristalizações que tipificam o negro em uma categoria de representação que não só não favorece a construção de uma auto-imagem positiva, como também não possibilita e emergência das singularidades dos sujeitos. [8] As diversas cenas de humilhação e sofrimento que perpassam a narração visual de negro-mestiços reafirmam a inclusão perversa do negro na sociedade, sendo que alguns usos dessas imagens $\frac{3}{4}$ em diálogo com textos e legendas (JOLY, 1996) $\frac{3}{4}$ podem incitar uma rejeição na identificação do aluno-leitor com os sujeitos ali

mostrados. Afinal, quem quer ter "origem" num sujeito sofredor, pisoteado, que ocupa o pior lugar na sociedade? (SANTOS, 1989).

Não se deseja aqui defender que negros pobres não devam ser representados em jornais impressos, mesmo porque, segundo dados do IPEA, 64% dos pobres e 69% dos indigentes do Brasil são negros, sendo que a taxa de analfabetismo é três vezes maior entre os negros. Isso não pode ser omitido e apagado, como se o Brasil fosse um país de fantasia, em que todos vivem bem e de maneira fraternal (LOBO, 2002).

A grande questão a se pensar é a escassa visibilidade de contrapontos a esse tipo de representação. É a dificuldade de um estudante/leitor negro ter acesso a outras imagens que lhe possibilitem ter uma imagem mais positiva sobre si mesmo. É a possibilidade de ele ver disponíveis outras referências, outros sentidos, outros enquadramentos ou outros *mundos possíveis*, como preferiria Hannah Arendt.

Vale destacar, ainda, que os discursos imagéticos dos jornais impressos e dos livros didáticos, não são apenas mais algumas falas sobre a realidade em um universo verborrágico tão plural e multifacetado. Esses são os discursos estampados em duas mídias detentoras de discursos autorizados (CITELLI, 1988) ou competentes (CHAUÍ, 1981) para retratar a "atualidade" (não é isso o que os jornais dizem espelhar?) e o "passado" (o que os livros didáticos alegam tornar acessível, ainda que digam muito mais sobre a contemporaneidade).

Ou seja, ambas essas mídias possuem uma fala instituída, legitimada e naturalmente tomada como verdadeira. É um discurso visto, muitas vezes, como desprovido de enunciadores que têm visões de mundo e perspectivas de enquadramento. No caso dos livros didáticos, tal legitimidade ainda recebe o aval do próprio governo (via MEC) que seleciona e recomenda títulos através do **Guia de Livros Didáticos**.

Como se não bastasse, ainda há de se citar o peso da imagem para muitos "leitores" brasileiros. Ela é uma forma fundamental de informação (e de formação) para grande parte da população do Brasil que não é leitora de textos. Assim, as informações a que têm acesso são, sobretudo, imagens da TV, fotos dos jornais, ilustrações dos livros. São esses discursos imagéticos que os interpelam desde a infância e que adquirem um peso grande, dada à dificuldade de cotejá-los com outras formas discursivas. Segundo Mouillaud, "a informação é o que é possível e o que é legítimo mostrar" (1997, p. 38).

Buscar nas fotos jornalísticas, ou na iconografia de livros didáticos, a representação de sujeitos sociais é saber lidar com realidades históricas que, marcadas pela dinâmica dos meios de comunicação impressos, são permanentemente atualizadas e re-significadas. Vale lembrar, ainda com Mouillaud, que essa informação é também "o que está marcado para ser percebido" (2002, p. 38). Ao veicular essas imagens, os meios de comunicação seguem modos de encarar o mundo, possuem objetivos e linhas

editoriais. [9]Através de seu " *modus operandi* " (CASTRO, 1997) (uma gramática, códigos, conjuntos de regras), a mídia recorta o real e o reconstrói dentro dessa nova gramática.

Nossas questões não se prendem a esses objetivos ou reconstruções específicas dos jornais e dos livros didáticos. Nossas indagações avançam para a narração imagética e nela se fixa. Interessa-nos pesquisar aquilo que o leitor tem à sua frente. A narrativa do fotojornalismo e da iconografia dos livros didáticos indica um caminho da realidade a ser percebido. Caminho esse que é "um", dentre uma infinidade de outras possibilidades.

3 POSSIBILIDADES?

Se grande parte da fala dos jornais e dos livros apresenta um discurso tipificador e ligado ao "senso comum" (cada um no seu lugar), não se pode perder de vista que há outros dizeres - outros olhares - que são lançados sobre a "atualidade" e sobre o "passado". Interessou-nos, assim, pinçar em nosso recorte empírico aquelas fotos que sinalizam a possibilidade de novas leituras, que questionem essa "naturalidade" do que é mostrado.

No decorrer de nossa "flânerie" pelas páginas de jornais e livros didáticos, encontramos imagens que resgatam a singularidade dos sujeitos retratados; que evidenciam o exercício da cidadania por parte dos negros e que apresentam o aspecto cultural dos mesmos. Permeando o discurso mais freqüente, existem fendas, por meio das quais é possível visualizar um outro Outro. Não mais selvagem, desprovido de cultura, "enquadrável" em tipos uniformes. A realidade transborda no jornal, deixando escorrer uma forma de representação bastante distinta, a qual acaba por arranhar a narrativa mais freqüente, re-significando-a.

Para discutir esse tipo de representação, faz-se aqui relevante, resgatar a distinção entre **estratégias** e **táticas** proposta por Michel de Certeau. **Estratégias** seriam as intervenções do homem no mundo a partir de um lugar próprio. Elas seriam capazes de produzir, mapear e impor espaços. A estratégia realiza o ato cartesiano de tentar "circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro" (1998, p. 99).

Esses "poderes invisíveis" estão justamente na **tática**, que se caracteriza pela ausência do próprio e atua sempre no terreno do outro. A tática não cria nem impõe espaços. Ela joga nos territórios do "adversário", buscando alterá-los para implementar suas ações. "Produtores desconhecidos, poetas de seus negócios, inventores de trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista" (CERTEAU, 1998, p. 97), os Outros criam brechas simbólicas intermitentes, traçando caminhos indefinidos. "Sem sair do lugar

onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele [o Outro] aí instaura pluralidade e criatividade" (1998, p. 93).

Nas páginas das mídias impressas analisadas, encontramos algumas brechas simbólicas. Nelas, os negros se afirmam; dão-se a ver ao invés de serem vistos e se colocam na busca de um lugar para si. E, mais do que explicitar um outro tipo de negro, essas representações conseguem arranhar aquela extensa representação negativa, ao demonstrar que o Outro não é só o que há de ruim. Seguindo os passos de Benjamin (1987), o Outro pode ser visto como um escrínio de beleza.

É importante perceber que esse outro Outro aparece em contextos bastante diversificados, mesmo porque a tática não tem a "possibilidade de dar a si um projeto global [...]. Ela opera golpe a golpe, lance por lance. Aproveita as ocasiões e delas depende" (CERTEAU, 1998, p. 100). Assim, há várias formas de brechas.

Um primeiro tipo de brecha simbólica que aparece na narrativa fotográfica dos jornais impressos diz respeito a situações de expressão, protesto, manifestação e reivindicação : são as imagens que ressaltam o Outro na busca por construir direitos e obter reconhecimento. [10] Nesses momentos, os negro-mestiços não estão às margens dos acontecimentos, mas se tornam agentes da história, buscando alterar situações vigentes. Nessas imagens, eles galgam uma posição de destaque, propondo significados, manifestando-se contra o que consideram injusto ou realizando atos no intuito de mudar algo que lhes é maléfico.

Bons exemplos disso são as fotografias que mostram as manifestações contra políticos (ACM e FHC), os trabalhadores em greve (policiais militares ou funcionários da BH-Trans), os perueiros que exigem o direito de trabalhar, as pessoas que protestam contra a sujeira em uma praça ou os flagelados da seca que bloqueiam uma rodovia federal. Em lampejos de visibilidade, todos esses cidadãos expõem seus problemas e clamam pelo reconhecimento de suas questões. Em alguns casos, esse grito atinge a eloquência. É o caso da foto que mostra um rapaz negro - André Guimarães, 21 anos - "crucificado". A legenda explica que a encenação é uma manifestação para a reserva de 50% das vagas de escolas estaduais. Na cena, o negro é o protagonista do protesto. Preso a uma cruz, talvez ele evidencie a percepção que tem de si mesmo dentro da sociedade.

As cenas de protesto dos negro-mestiços também aparecem, ainda que raramente, na narrativa dos livros didáticos. É o caso de Zumbi, negro ereto, altivo e que é apresentado como símbolo da resistência negra à escravidão. Também é o caso da foto que retrata uma reunião do movimento negro, cuja legenda ressalta a luta que vem sendo travada contra o "pesado fardo" de "discriminação e preconceito". [11]

Outro tipo de brecha simbólica encontrada em nossas pesquisas ocorre em algumas imagens que se referem à questão da cultura. Rituais, músicas e jogos sempre foram uma forma de que os sujeitos se utilizaram para se apresentar e para solidificar

significados em torno dos quais teceram suas identidades. Assim, nas fotografias de jornais também se vê momentos em que a cultura é uma forma de valorização do negro, seja porque ela coloca o indivíduo em evidência, seja porque, muitas vezes, resgata as tradições africanas ou mesmo porque serve de veículo para um protesto veemente contra a ordem social. Esses são os casos de alguns cantores (dentre eles os MC's do rap), dançarinos, atores ou da mãe de santo. Nos livros didáticos, esse tipo de brecha dá-se, sobretudo, através de imagens sobre o candomblé e sobre a capoeira: algumas ilustrações buscam representar tais eventos culturais não apenas no que têm de exótico ou corpóreo, mas como elementos repletos de significados e em torno dos quais os sujeitos tecem identidades.

Há, ainda, uma forma de fenda de significação que aparece em lugares formais de discussão pública ou representação política. As imagens dos líderes mundiais Nelson Mandela, Kofi Annan (que tem até direito a tapete vermelho) e Colin Powell representam essa categoria na narrativa jornalística. Para não dizer que o negro político só existe no exterior (curioso, não?) há duas fotos de deputados brasileiros - Damião Feliciano e Telma de Souza. Nos livros didáticos, essa representação mais formal e política de um negro na cena pública poderia ser vista na já citada imagem sobre o movimento negro.

Um quarto tipo de brecha simbólica a ser mencionado ocorre apenas nas representações estampadas nos jornais: as ações sociais. Nessas imagens, o negro é autor de projetos ou trabalhos que beneficiam a sociedade. O Outro se mostra ciente dos problemas que assolam o país e busca ajudar a resolvê-los. Seja em atos pontuais ou em propostas mais amplas, a idéia que se tem é de um negro atuante. Bom exemplo disso é uma foto que mostra uma cooperativa de costura que dá cursos de capacitação profissional na favela da Rocinha. A belíssima fotografia [12] mostra uma sala na qual sete mulheres costuram. Cinco delas são negras. Sorrisos generalizados demonstram o bom astral do ambiente. Interessante constatar que as mulheres brancas presentes na cena aparecem em posição de igualdade.

Finalmente, tem-se o lampejo de singularidade que cintila em imagens que não representam categorias, mas indivíduos. Essas imagens são o exemplo mais claro de que é praticamente impossível tentar engessar sujeitos em formas estanques de representação. Eles escorrem dos tipos que lhe são impostos (jogador de futebol, miserável, criminoso, trabalhador braçal) e mesmo de papéis ativos (manifestantes, políticos, grevistas). Ali, os sujeitos são simplesmente sujeitos. Individualizados e nomeados, eles escavam uma brecha para expressarem a si próprios, em sua singularidade. Através de olhares, feições, sorrisos, cores, legendas, essas fotografias têm a incomensurável riqueza de apresentar pessoas. Uma brecha que pode ser

encarada quase como uma cratera, quando se tem em mente o passado (e talvez presente) do negro: sempre visto como peça ou coisa.

Nos livros didáticos, tal singularidade só é reservada ao já citado caso de Zumbi, ainda que ele seja mais um ícone de resistência do que um indivíduo. Na narrativa imagética dos jornais, caso exemplar desse tipo de representação ocorre em uma foto que mostra, em meio a milhares de pistolas, revólveres e espingardas prestes a serem esmagadas por um trator, uma menina negra, de trança no cabelo, vestidinho amarelo e sandália cor-de-rosa. Trata-se de Dandara Bastos Medaniel, de quatro anos. Ele tem uma rosa branca às mãos, a qual, mais do que expressar a paz representada pelo momento, ressalta a singeleza da pequena Dandara.

4 POR ENTRE BRECHAS, UM CAMINHO

Essas fendas de significação observadas em algumas imagens de jornais e livros didáticos, conduziram-nos à formulação de uma nova pesquisa na qual agora trabalhamos: **Um outro Outro no fotojornalismo: lampejos de cidadania**. Faz-se essencial pensar a possibilidade de dissonâncias simbólicas para discutir o racismo, afinal este só pode ser combatido pela conscientização e politização da sociedade, as quais passam, necessariamente, pela construção simbólica em torno dos indivíduos. Para Nelson Fernando Silva, não querer reproduzir imagens que tratem o negro como coitado ou descaracterizado esteticamente não se limita ao desejo de vê-lo retratado de forma diferente, mas representa também o reconhecimento de que a manutenção de uma ideologia imagética racista, absorvida pelo negro, reduzirá o seu ego a nada (SILVA, 2001, p. 130).

Mais que reduzir o ego dos negros a nada, certas imagens corroboram o discurso que coloca o Outro, cada vez mais, às margens da sociedade. **Negro sofre. Porta de entrada de negro é pela cozinha. O negro joga bem demais! A crioula sabe ser boazuda. Fulano é preto, mas trabalha direitinho. Só preto dá conta do recado na roça. Ginga de negro é coisa de outro mundo. Preto é mais esperto pro crime. Ainda não é natural pensar assim?**

ABSTRACT

This paper undertakes an analytical journey through the visual narrative of Brazilian daily newspapers, in order to understand how African-Brazilians are represented in such unquestionably strong discourses. The analysis of these images is then compared to another iconographic narrative: the one imprinted on history textbooks. The research evinces the recurrence of certain visual representational patterns that reinforce a negative image of African-Brazilians. It is important to highlight the role of these images in the process of identity construction, since identities are continuously

transformed by discourse. This role is particularly significant in times of great image valorization, and especially in a country (Brazil) with so many non-readers. The final part of the paper tries to point out alternatives for the representation of this social Other.

Keywords: African-Brazilians. Visual narrative. Identity/Otherness.

RESUMEN

Ese artículo hace un paseo analítico por las narrativas visuales publicadas en periódicos brasileños (de gran circulación), y busca comprender la forma como negros y mestizos son representados en esos discursos de incuestionable fuerza. El análisis de esas imágenes será comparado a otra narrativa iconográfica: aquella que ilustra libros didácticos de Historia. La investigación evidencia la existencia de variados padrones de representación visual que no contribuyen en nada a la formación de una imagen positiva de negros y mestizos. Es importante enfatizar el papel de esas narrativas en los procesos de configuración de identidades, permanentemente transformadas a partir de interpelaciones discursivas. Ese papel es reforzado en virtud de la contemporánea valorización de la imagen, especialmente en un país (Brasil) con gran número de no-lectores. La parte final del artículo busca indicar alternativas para la representación de ese Otro social.

Palabras-clave: Negro-mestizos. Narrativa iconográfica. Identidad/alteridad.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. *A câmara clara* . 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, W. Haxixe em Marselha. In: BENJAMIN, W. *Rua de mão única* . São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 248-255. (Obras Escolhidas, v. 2)

BERGER, P. ; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade* . 19. ed Petrópolis: Vozes, 1985.

BRASIL, A G. 1999: Livro de Cabeceira - Para pensar o signo como acontecimento. In: RUBIM, A. A.; BENTZ, I. M. C. & PINTO, M. J. (Orgs.). *O olhar estético na comunicação* . Petrópolis: Vozes, 2000, p. 9-22.

CASTRO, M. C. P. S. *Na tessitura da cena, a vida* : comunicação, sociabilidade e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano* . Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAUÍ, M. *Cultura e democracia* : o discurso competente e outras falas . 2. ed. São Paulo: Moderna, 1981.

_____. O que comemorar? *Projeto História* : sentidos da comemoração , São Paulo, n. 20, p. 35-57, abr. 2000.

Só preto sem preconceito

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão** . São Paulo: Ática, 1988.

DEBRAY, R. **Curso de midiologia geral** . Petrópolis: Vozes, 1993.

FEATHERSTONE, M. A estetização da vida cotidiana. In: _____. **Cultura de Consumo e pós-Modernismo** . São Paulo: Livros Studio Nobel, 1995.

FOUCAULT, M. As ciências humanas. In: _____. **As palavras e as coisas : uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo, Martins Fontes, 2000, p. 361-404.

GOFFMAN, E. **Os momentos e seus homens** . Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **The Theory of Communicative Action** , Boston: Beacon Press, v. 2. p. 403, 1987.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença : a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p.103-133.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade** . 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento : a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

KABENGELE, M. Mestiçagem e experiências interculturais no Brasil. In: SCHWARCZ, L Moritz e REIS, L V. de S. (Orgs.). **Negras Imagens** . São Paulo: Edusp, 1996, p. 179-93.

LOBO, F. Mais desigualdade. **Carta Capital** , São Paulo, n. 175, p. 24-9, 6 fev. 2002.

MEAD, G. H. **Espiritu, persona y sociedad** . México: Paidós, 1993.

MOUILLAUD, M. **O Jornal : da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

PEREIRA, E. de A. ; GOMES, N. P. de M. **Ardis da Imagem** . Belo Horizonte: Mazza, PUCMINAS, 2001.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença** . 1999. São Paulo: Curso de pós-graduação em Sociologia, USP, 1999.

QUÉRÉ, Louis. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico. Tradução de Vera Lígia Westin e Lúcia Lamounier. Original: D'un modèle épistemologique de la communication à un modèle praxéologique. **Réseaux**, Paris: Tekhné, n. 46/47, mar./abr. 1991.

SANTOS, J.R. dos. Para que serve o negro? **Padê** . Salvador, n.1, p. 59-70, jul. 1989.

SCHWARCZ, L. M. Ser peça, ser coisa: definições e especificidades da escravidão no Brasil. In: SCHWARCZ, L. M. ; REIS, L. V. de S. (Orgs.). **Negras Imagens** . São Paulo: Edusp, 1996. P. 11-29.

VAZ, P. B. F. ; MENDONÇA, R. F. ; ALMEIDA, S. C. P. de. Iconografia no livro didático: quem é quem nessa história. In: FRANÇA, V. R. V. (Org). **Imagens do Brasil : modos de ver, modos de conviver**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 47-86.

VAZ, P. B. F. ; MENDONÇA, R. F. ; TAVARES, F. M. B. ; COUTINHO, P. C. **A representação visual do outro na mídia impressa: relatório final de pesquisa**. Belo Horizonte: Fafich/UFMG, 2001.

Notas:

1– Trabalho apresentado no XXVII Intercom (Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação).

2– Sobre o caráter constitutivo da linguagem ver Mead (1993); Habermas (1987); Quéré (1991); Foucault (2000); Berger ; Luckmann (1985).

3– Projeto integrado de pesquisa (**Narrativas do Cotidiano: na mídia, na rua**), que buscou analisar diversas narrativas sociais, buscando destacar o imbricamento mídia/sociedade. O subprojeto a que aqui nos referimos (**A representação do Outro na Mídia Impressa**) estudou a narração da alteridade e da cidade em fotografias de jornais impressos. O projeto contou com o apoio do CNPq e da Fapemig.

4– Projeto integrado de pesquisa (**Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver**), que procurou estudar, por ocasião das comemorações dos 500 anos do Brasil, a narração da identidade em diversas mídias. O subprojeto a que nos referimos (**Brasil brasileiro: uma história ilustrada**) pesquisou a narração da identidade na iconografia de livros didáticos de história que tratavam do momento "fundacional" do "povo brasileiro". Para proceder a tal análise, escolheram-se dez livros a partir das indicações do **Guia do Livro Didático de 1999**, publicado pelo MEC em seu PNLD (**Programa Nacional do Livro Didático**), a saber: 1) Brasil - Encontros com a História; 2) Brasil - História em Construção; 3) Brasil - Uma História em Construção; 4) Estudos de História - Sociedade dos Tempos Modernos; 5) História - Cotidiano e Mentalidades; 6) História - Edição Reformulada; 7) História Integrada - O Mundo da Idade Moderna; 8) História - Os Rumos da Humanidade; 9) História Passado Presente - Brasil Colônia; 10) Você é a História - Brasil 1 - Do Mundo Indígena ao Período Regencial no Brasil. (VAZ; MENDONÇA; ALMEIDA, 2002).

5– Observa-se que a categoria em que há maior número de negros representados na iconografia dos livros didáticos analisados refere-se ao trabalho no meio rural. Das 371 imagens estudadas, 57 representam negros na lida do campo.

6– Publicada na p. E2 de **Folha de S. Paulo** , 25 jun. 2001.

7– Em palestra proferida no auditório Sônia Viegas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais no dia 25 de abril de 2000.

8– A identificação individual no dizer de Goffman (1999). Goffman distingue a identificação categorial (baseada em grandes categorias) da individual em que reconhecemos os elementos característicos de cada sujeito.

9– A pesquisa não buscou analisar as diferenças narrativas que há entre os veículos estudados. Claro está que alguns caracteres são facilmente reconhecíveis, mas as inferências que deles poderiam ser feitas não prescindem de um estudo mais amplo e detalhado sobre cada veículo.

10– A luta por cidadania envolve, essencialmente, uma luta por reconhecimento. Axel Honneth (2003) mostra como a luta de indivíduos e grupos que se vêem em situação de degradação, desrespeito ou inclusão perversa passa pela construção de novos significados e do reconhecimento de sua dignidade. Essa negociação simbólica se dá em três âmbitos: 1) íntimo; 2) legal; 3) social. A articulação desses três níveis permite que os indivíduos tenham uma relação positiva consigo mesmos e os conduz à auto-realização (HONNETH, 2003).

11– É importante lembrar que o movimento negro tem conseguido muitas mudanças. Nesse processo, os sujeitos tentam passar de "pretos" a "negros". Para tanto, é preciso construir novas identidades, que dependem de uma revisão e nova leitura histórica (SANTOS, 1989, p. 62).

12– De Gustavo Stephan; 4C; 11,7 X 7,5 cm. Publicada na p. 11 do Magazine de **O Globo** , 03 jul. 2001.

Copyright (c) 2006 Autor(es) / Copyright (c) 2006 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal.
Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.



Selo CC-BY-NC com Direito Autoral_2006